

# APRESENTAÇÃO

## **Paula Guerra**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, Porto, Portugal

## **Glaucia Villas Bôas**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

É com grande satisfação que apresentamos aos colegas cientistas sociais, pesquisadores e professores, aos jovens que se iniciam na carreira e ao público interessado no mundo das artes, nas suas singularidades, nos seus trânsitos e nas suas potencialidades, este primeiro número da revista *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*. Já era tempo de dar visibilidade às múltiplas facetas dos espaços de criatividade artística, contemplando em uma publicação internacional os resultados de investigações focadas na produção sociológica luso-brasileira, mas contando também com a contribuição de pesquisadores de outras disciplinas e de outras regiões. A *Todas as Artes* é um espaço de expressão plural nas áreas da sociologia das artes e da cultura mas não só. Conflui com todas as ciências sociais e disciplinas artísticas que tenham o seu foco na abordagem contemporânea das artes e das culturas e aceita trabalhos de expressão portuguesa, castelhana, francesa e inglesa. A revista pretende ser um marco avocando trabalhos que resultam de investigação pioneira, tanto teórica como empiricamente, e à originalidade e importância dos temas abordados.

A importância atribuída, cada vez mais, à dimensão simbólica da vida social, e, ainda, à estetização do quotidiano tem levado ao crescimento das pesquisas e ao aprofundamento da reflexão no campo da sociologia da cultura e das artes. Acrescente-se a isto o dismantelamento das concepções canónicas da arte e um processo veloz que transforma objetos e ações diversos em arte, dispondo-os seja dentro, seja fora dos museus. Tal reviravolta nos padrões do campo da arte ampliou sobremodo o emaranhado de uma rede de artistas, de objetos e de práticas artísticas, destacando-se, nesse movimento, os gestos de transgressão e a politização das expressões artísticas. Neste sentido, na contemporaneidade, as artes se distinguem por um acolhimento ímpar de uma pluralidade de processos e objetos, elaborados por indivíduos ou coletivos.

A invenção e a improvisação artísticas têm possibilitado inúmeras redefinições dos mecanismos de diferenciação e identificação social que caracterizam o mundo contemporâneo - sendo veículos e textos fundamentais de identidade, de pertença e de enraizamento. Estas preocupações são tão mais importantes quanto estamos a

falar de sociedades marcadas por transições e sobretudo, em tempos recentes, por crises económicas e sociais, no âmbito das quais as manifestações artísticas e musicais parecem cada vez mais assumir-se como plataformas de questionamento, refundação e revivificação identitárias. De igual modo, a questão do território urbano é crucial para a compreensão dos objetos artísticos, uma vez tomada a cidade/o urbano como um fenómeno intrinsecamente cultural. Efetivamente, é nas cidades que proliferam os estilos de vida em diversidade suficiente, os quais se constituem como demonstradores expressivos da concentração de práticas sociais e culturais, tradutores e resultado dos processos de individuação e de liminaridade, facilitados pelas maiores mobilidades e o menor controlo social, da busca de lógicas distintivas, ou da afirmação de identidades que tendem a ser mais transitórias, reflexivas e plurais.

No primeiro número de *Todas as Artes* o leitor poderá apreciar a diversidade dos ângulos temáticos e analíticos que define atualmente o universo de interesse dos pesquisadores, no decorrer da leitura de artigos cuja temática se estende das questões de género à crítica ao conceito de contemporaneidade; do confronto entre o *rap* e o *techno* à inventividade e permanência das tradições populares brasileiras, e formas de abordagem da identidade portuguesa; das indústrias culturais e criativas em Portugal às qualidades do cinema documentário brasileiro – mostrando bem a pertinência das palavras de Saramago quando asseverou, no início dos seus *Cadernos de Lanzarote*, que “a arte não avança, move-se”.

Se os termos contemporaneidade e criatividade, focalizados em artigos deste número primeiro de *Todas as Artes*, pertencem à arena dos debates atuais sobre as artes, a identidade nacional é uma questão que há muito perpassa as discussões e polémicas sobre a cultura dos povos, dos estados e das nações. O artigo de Augusto Santo Silva, *Como abordar a identidade nacional portuguesa?* apresenta um balanço crítico e minucioso das principais vertentes de estudo sobre esse tema seminal, para então sugerir um caminho atual e proveitoso de abordar a identidade nacional portuguesa, que livre de essencialismos e primordialismos, esteja fincado no “chão espúrio da vida social”.

No seu artigo *Feminisations of artistic work: Legal measures and female artists' resources do matter*, Marie Buscatto revela que o mundo das artes ainda é um mundo masculino, apesar de não mais haver qualquer barreira legal para o exercício da carreira artística pelas mulheres. Argumenta que iniciativas e medidas legais que incentivem o acesso de artistas femininas ao seu *métier*, assim como estratégias específicas das artistas contam para diminuir as dificuldades, muito embora sejam ainda o casamento e a maternidade dos mais fortes obstáculos à carreira das artistas femininas.

Pedro Erber questiona o conceito de contemporaneidade em *Arte e contemporaneidade: três críticos nos anos 1960*: o contemporâneo deve ser entendido como indicação de um tempo cronológico ou o termo significa atual, presente? De outra forma, o contemporâneo define o modo de ser de obras e práticas artísticas? A partir dessas indagações, o autor analisa o ponto de vista dos críticos Michael Fried, Mario Pedrosa e Miyakawa Atsushi que se debruçaram sobre as profundas mudanças ocorridas na arte dos anos 1960 até à atualidade.

*'Musiques, présentez-vous!' Une confrontation entre le rap et la techno*, de Antoine Hennion retoma as reflexões coletivas de um seminário organizado pelo autor sobre amadores, apaixonados, gostos e história da música. O artigo aborda uma sessão específica daquele evento em que se comparou o *rap* e o *techno* a partir de uma situação especial, na qual as músicas se apresentaram *para* e *pelos* amadores. Tal experiência singular permitiu observar o quanto as músicas se fazem acompanhar de discursos – representações, resignificações, afetos – sobre juventude, revolta, imigração, festa, drogas e periferias.

O artigo de Rodrigo Oliveira Lessa, *Da passividade à luta política: a classe trabalhadora no cinema documentário brasileiro de 1960 a 1980*, ao analisar importantes filmes documentários do período de 1960 a 1980, conclui que as condições de vida dos trabalhadores e as suas lutas políticas não foram apenas objeto de interesse dos cineastas brasileiros naquele período, mas constituíram, por excelência, a referência através da qual o cinema documentário desenvolveu novas formas de expressão da realidade social e se consolidou no Brasil.

Criatividade, termo em voga nos debates atuais sobre arte e cultura, vem repercutindo de modo notável na elaboração de políticas públicas culturais na última década. O objetivo de Pedro Quintela e Claudino Ferreira, ao escrever *Indústrias culturais e criativas em Portugal: um balanço crítico de uma nova 'agenda' para as políticas públicas no início deste milênio*, foi revelar os meandros da emergência e da consolidação de uma “agenda criativa” em Portugal, atentando para a potência dessa nova retórica na formulação de políticas públicas ao nível nacional, local e mesmo europeu no país, revendo seus desdobramentos e desafios atuais.

A reatualização inventiva de tradições populares brasileiras é tematizada por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti em *O Boi em dois tempos. O Bumba-meu-boi em Mário de Andrade e o Bumbá de Parintins na Amazônia hoje*. A autora retoma as ideias do crítico e escritor modernista brasileiro Mário de Andrade para refletir sobre a festa do Bumbá na cidade amazônica de Parintins. Argumenta que, enquanto o pessimismo de Mário relativamente à permanência da dança não se confirma, mas, ao contrário, é posto em xeque pelo alto grau de inventividade da festa do Bumbá, as observações do crítico sobre aspectos estéticos e performáticos

das danças dramáticas continuam pertinentes, contribuindo para o seu entendimento contemporâneo.

O primeiro número da revista prossegue ainda com o registo de pesquisa de Ana Oliveira: *Sons para lá do palco. Estratégias para a gestão de carreiras DIY na cena musical independente portuguesa*. A abordagem da investigadora situa-se na análise da perspetiva empreendedora dos músicos, protagonistas de uma lógica de mobilização de diferentes competências e de papéis complementares. Baseia-se num dos valores centrais da subcultura *punk*, o *ethos* DIY, que aqui surge como um novo padrão de promoção da empregabilidade, permitindo gerir a incerteza associada à construção de carreiras na música independente portuguesa. Este registo decorre do desenvolvimento da sua tese de doutoramento em Estudos Urbanos, intitulada *Do It Together Again: redes, fluxos e espaços na construção de carreiras musicais na cena indie portuguesa*.

A revista finaliza-se com a resenha *Ética, estética e dimensões da existência no cinema de Eduardo Coutinho*, de Pérola Mathias. A coleção Cinema em Livro da editora Sette Letras deu início à série Eduardo Coutinho “visto por”, lançando quatro livros, organizados por Eliska Altmann e Tatiana Bacal, em 2017. O projeto editorial reúne diferentes cientistas sociais, cineastas e profissionais do cinema para escrever sobre a obra do cineasta brasileiro morto tragicamente em 2014. Cada livro recebe como título o nome de um filme documentário de Coutinho, prevendo-se a publicação de 19 obras.

Eis o primeiro número de *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura* para apreciação de seus leitores. Esperamos que contribua com novos aportes para os debates e as pesquisas sobre as artes e a cultura, tão importantes quanto urgentes para o delineamento de políticas e de ações públicas para o desenvolvimento holístico da humanidade.

Porto e Rio de Janeiro, junho de 2018

As diretoras, Paula Guerra e Gláucia Villas Bôas.